Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ciências Humanas,
Letras e Artes Curso de Licenciatura em Artes Visuais

Cícero Pinheiro de Andrade Neto

IMAGINÁRIO DE CATU NO MEIO URBANO

uma intervenção urbana como estratégia no combate ao preconceito à cultura indígena

Natal
2017

Cícero Pinheiro de Andrade Neto

IMAGINÁRIO DE CATU NO MEIO URBANO

uma intervenção urbana como estratégia no combate ao preconceito à cultura indígena

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Me. Artur Luiz de Souza Maciel

Natal
2017

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Departamento de Artes - DEART

Andrade Neto, Cicero Pinheiro de.
Imaginário de Catu no meio urbano : uma intervenção urbana como estratégia no combate ao preconceito à cultura indígena / Cicero Pinheiro de Andrade Neto. - 2017.
72 f.: il.

Monografia (licenciatura) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Natal, 2017.
Orientador: Prof. Me. Artur Luiz de Souza Maciel.

1. Imaginário. 2. Arte de rua. 3. Graffiti. I. Maciel, Artur Luiz de Souza. II. Título.

RN/UF/BS-DEART CDU 75.052

Cícero Pinheiro de Andrade Neto

IMAGINÁRIO DE CATU NO MEIO URBANO

uma intervenção urbana como estratégia no combate ao preconceito à cultura indígena

Trabalho de conclusão de curso II, apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Banca Avaliadora:

Prof. Luã dos Santos Tavares

Prof. Dr. Laurita Ricardo de Salles
DEART/UFRN

Prof. Me. Artur Luiz de Souza Maciel
Orientador
DEART/UFRN

Natal, 06 de dezembro de 2017

AGRADECIMENTOS

Ao fim de mais um ciclo, lembro do caminho que percorri até chegar aqui, e me deparo com pessoas que foram de extrema importância e que são responsáveis, não apenas por minha formação acadêmica, mas, minha humanização.

Sou grato a Deus, que é o maior artista, design e programador, que me inspira com sua obra prima todo santo dia, me fez sua imagem, me deu inspiração, compreensão, amor, olhos sensíveis à alma e, principalmente, o conforto nos dias difíceis.

Sou grato aos que comigo decidiram caminhar ao longo desses cinco anos de curso, que por diversas vezes, ao me deparar com as inúmeras dificuldades e pensar em desistir, me deram ânimo, me alegraram nos dias ruins, me retiraram da zona de conforto e fizeram ver que, com muito esforço e dedicação, os sonhos vão se construindo.

Sou grato a minha mãe, Dona Tânia Maria, que sempre acordava bem antes de mim, pra preparar o café mais amoroso que conheço. Por sempre acreditar em minha capacidade. Pelas inúmeras vezes em que me levou ao colégio e ficou acordada até tarde ajudando em minhas atividades, mesmo depois de um dia exaustivo. Sou grato a pai, José Francisco, pelo exemplo de honestidade, força de vontade e principalmente bondade, que levo sempre comigo, alem das inúmeras vezes que me motivou a continuar.

Sou grato a Dona Dulce, minha avó e principal culpada pela escolha do curso, artista e artesã de mão cheia, sempre demonstrou orgulho por qualquer coisa que eu faça, e que tento seguir seus passos. Grato a Cícero Pinheiro, meu avô e do qual não levo apenas o nome. Tenho comigo seus princípios, fé e dedicação. Sou grato à meus tios e tias, que fizeram parte de toda minha educação, e meu irmão, pirralho, de quem me orgulho muito.

Grato a Higor, Luã, Raiane, Ana Júlia, Gabriel, Ester, Raw, Hingrid, Éricles, Felipe, Beatriz, Layse, Stanley, Leandro, Leonardo, Mychell, Ana e tantos outros amigos que tive a oportunidade conviver, conhecer e, me proporcionaram momentos únicos.

Jared e Luana, colegas que ao longo do curso se tornaram irmãos e que tenho profunda gratidão, pelo riso fácil, o ombro amigo e as loucuras que guardo com muito carinho em minhas lembranças.

Sou grato a aqueles que por algum motivo a vida levou a outros caminhos, mas que permanecem presentes em minha memória.

Grato ainda aos que decidiram fazer a diferença na vida das pessoas, meus professores, os quais, sem a profunda dedicação, não estaria aqui.

Grato a Artur, meu orientador, quem me ajudou muito ao longo desse trabalho, alem

de ser dono de uma paciência invejável.

Sou grato aos partiram, mas antes de ir, me deram a incrível oportunidade de conhecê-los, meus avós Damião e Rosita, meus bisavós Ângelo e Nêga, pessoas incríveis e dos quais sinto profunda saudade.

Grato pelo dia, pela vida e, principalmente, a esperança utópica de viver em um mundo sem discriminação.

DEDICATÓRIA

Aos moradores da comunidade Catu dos Eleotérios

RESUMO

A pesquisa em arte sobre o imaginário coletivo do Catu surgiu durante uma visita escolar, com uma turma de alunos do projeto *Mais Educação,*à comunidade de remanescentes indígenas, Catu dos Eleotérios. Nesta visita, conhecí a Escola Municipal João Lino (única escola indígena do estado do Rio Grande do Norte), percebemos a relação entre os moradores e as lendas, os seres encantados que protegem as matas, animais e nascentes da comunidade.

A partir das lendas foram constituídas imagens para o esboço de um graffiti, que foi realizado na Escola Municipal Dr. Hélio Mamede de Freitas Galvão, na cidade de Goianinha (localizada na mesorregião leste potiguar), por meio da fusão do imaginário do pesquisador com as imagens que são suscitadas pelo o relato de alguns moradores do Catu. A partir de uma série de visitas, foram realizados o levantamento das lendas sobre os encantados, fotos e a coleta de relatos por meio de entrevistas. Também são abordados o histórico da comunidade e seus problemas enfrentados.

Para isso utilizamos das teorias de imaginário, segundo Wunenburguer (1998) e as poiéticas visuais de René Passeron(1989).

O processo de criação ocorre na pesquisa, levando em consideração o processo criativo nas poéticas visuais (PASSERON,1989), tendo o graffiti como meio para a realização imagética. Assim, realizei uma intervenção urbana como estratégia para ajudar no processo de reconhecimento dos indivíduos da comunidade, os quais passam por diversos problemas, como a luta contra o preconceito que, até presente momento, se pratica os descendentes indígenas e a demarcação do seu território.

Palavras-chave: Imaginário; Poiéticas Visuais; Graffiti.

ABSTRACT

The art research on Catu's imagery emerged during a school visit, with a group of students from the More Education project, to the indigenous remnant community, Catu dos Eleotérios. During this visit, we met the João Lino Municipal School (the only indigenous school in the state of Rio Grande do Norte), and we perceive the relationship between the residents and the legends, the enchanted beings who protect the forests, animals and springs of the community.

From the legends, images were created for the graffiti sketch, which was carried out at the Dr. Hélio Mamede Municipal School of Freitas Galvão, in the city of Goianinha (located in the east of the Potiguar mesoregion), through the fusion of the imaginary of the researcher with the images that are raised by the report of some residents of Catu. From a series of visits, the legends about the enchanted, the photos and the collection of reports through interviews were carried out. Also discussed are the history of the community and its problems faced.

For this we use imaginary theories, according to Wunenburguer (1998) and the visual poietics of René Passeron (1989).

The creation process takes place in the research, taking into account the creative process in the visual poetics (PASSERON, 1989), with graffiti as a medium for imaging. Thus, I carried out an urban intervention as a strategy to help in the process of recognition of the individuals of the community, who go through various problems, such as the fight against the prejudice that, until now, indigenous descendants are practiced and the demarcation of their territory.

Key words: Imaginary; Visual Poietics; Graffiti.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Localização da Escola Municipal João Lino. 14
Figura 2 imagem de satélite da comunidade. 14
Figura 3 BAUER, Mônica. Grafiteiros de São Paulo: Crânio. Culturadoria. 18
Figura 4 Pinheiro. Âncora para a alma. Arquivo pessoal. Tinta acrilica e Spray sobre parede. 2013..... 19
Figura 5 Apresentação da turma. Acervo pessoal. 2013 20
Figura 6 Graffiti na cidade de Goianinha. Acervo pessoal. Tinta acrílica sobre parede. 2013 20
Figura 7 Detalhe da obra. Acervo pessoal. 2013 21
Figura 8 Parte 1.Mural Departamento de Artes. Acervo pessoal.Tinta acrílica sobre parede. 2013 21
Figura 9 Esboço parcial do Mural Departamento de Artes. Lyo Lima. Acervo pessoal. 2013 22
Figura 10 Parte 2. Mural Departamento de Artes. Acervo pessoal. Tinta acrílica sobre parede. 2013 22
Figura 11 Área desmatada próximo a nascente do rio Catu. Acervo Pessoal. 2017 23
Figura 12 Faixa de mata devastada. Acervo Pessoal. 2017. 23
Figura 13 crianças com pinturas corporais, durante visita a comunidade, 2017. 25
Figura 14 Artesanato do Catu. Acervo pessoal, durante visita a comunidade. 2017 26
Figura 15 Artesã responsável pela venda dos artefatos. Acervo pessoal. 2017. 27
Figura 16 Colares de sementes. Acervo pessoal, durante visita a comunidade. 2017 27
Figura 17 recepção aos visitantes na escola. Acervo pessoal, durante visita a comunidade. 2017 .....
28 Figura 18 Alunos da escola indígena durante apresentação na cidade de Goianinha. Acervo pessoal. 2016. 29
Figura 19 Esboço Comadre Florzinha. Acervo pessoal. 2017 34
Figura 20 Esboço Haja Pau. Acervo pessoal. 2017 35
Figura 21 Esboço Mãe D'água. Acervo pessoal. 2017 36
Figura 22 Palestra com Luiz Catu. Acervo pessoal. 2017 42
Figura 23 Ferramentas de pesca de camarão . Acervo pessoal. 2017 42
Figura 24 Balaio de cipó. Acervo pessoal. 2017 42
Figura 25 Maraca de cabaça. Acervo pessoal.2017 43
Figura 26 Alunas da escola indígena . Acervo pessoal. 2017 43
Figura 27 Dinâmica com os participantes. Acervo pessoal.2017 44
Figura 28 Oficinas de tiro com arco e pintura corporal. Acervo pessoal. 2017 44
Figura 29 Detalhes das pinturas corporais. Acervo pessoal. 2017 45
Figura 30 Palestra sobre graffiti. Acervo pessoal.2017 46
Figura 31 Diferenças entre graffiti e pixação. Acervo pessoal. 2017 46
Figura 32 Processo de digitalização e projeção do esboço. Acervo pessoal. 2017 47
Figura 33 Reprodução do esboço. Acervo pessoal. 2017 47
Figura 34 Preparação das tintas. Acervo pessoal. 2017 48
Figura 35 Local do mural. Acervo pessoal.2017 48
Figura 36 Participação dos alunos de outras turmas. Acervo pessoal. 2017 49
Figura 37 Os encantados. Acervo pessoal.2017 50
Figura 38 Detalhes dos encantados. Acervo pessoal. 2017 50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **12**

1. "OS CATUZEIROS" **22**

1.1 A COMUNIDADE A PARTIR DO MEU OLHAR 24

2. DO RASCUNHO A PAREDE - PROCESSOS QUE LEVARAM AO GRAFFITI. **30**

3. ANALSE DOS ELEMENTOS DO MURAL **38**

3.1 IMAGINÁRIO 38

3.2 GRAFFITI 39

3.3 Relato das atividades 41

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS **51**

5. REFERÊNCIAS **54**

6. BIBLIOGRAFIA **55**

APÊNDICES **56**

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM "LUIZ CATU", LIDER DA COMUNIDADE. 56

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ 62

APÊNDICE C - PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA 63

APÊNDICE D – ESBOÇOS 66

APÊNDICE E – IMAGENS DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O PROJETO. 70

INTRODUÇÃO

Segundo dados da FUNAI, atualmente existem cerca de 462 terras indígenas regularizadas, terras que representam cerca de 12,2% do território nacional, estão localizadas em todos os biomas, e que a maior concentração está na Amazônia Legal. Luis Catu (Cacique e professor de etno-história na Escola Municipal indígena João Lino, na comunidade Catu, como podemos ver na figura 1), afirma que ainda existem 305 etnias, que preservam 274 línguas de origem indigena. Muito embora, essas informações não constem nos livros de história.

A comunidade, junto com os moradores da aldeia Sagi Trabanda, no município de Sagi-RN, Lutam para que suas terras sejam demarcadas, e seus antepassados respeitados, uma vez que um antigo cemitério da aldeia Trabanda está ameaçado por uma ação de reintegração de posse, movida por um empresário do ramo imobiliário.

> A demarcação das terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas se constitui com uma das principais obrigações impostas ao estado brasileiro pela Constituição Federal de 1988(...) Existem também a figura da interdição de área para a proteção de povos indígenas isolados (FUNAI, 2017).

Segundo Luiz Catu, líder da comunidade, o nome Catu significa "bom" em Tupi, e algumas palavras e nomes de cidades tem catu em sua composição como Botucatu(em tupi Ybytu Katu), que significa bons ares, segundo o Dicionário Ilustrado Tupi Guarani. O nome foi dado pelos que ali chegaram primeiro, pois se tratava de um lugar que atendia as necessidades de caça, pesca e coleta de frutos, em especial, a mangaba, onde sua coleta ainda é uma das principais formas de subsistência dos moradores

O povo indígena tem sofrido há muito tempo por tentar manter seus costumes. Quando as crianças de comunidades indígenas vão a escola, dificilmente encontraram um espaço que os viabilize sentir-se parte do meio, causando a reclusão, deslocamento e segregação de muitos, por parte dos outros alunos. Isso por falta de elementos que constam no seu cotidiano.

O fato de não existirem registros de violência física não diminui importância da abordagem. Principalmente na fase escolar, onde as crianças estão construindo sua personalidade, e são cercadas de insegurança. Por não se sentir bem em um determinado ambiente, muitos optam por desistir de seus estudos, assumindo as atividades ofertadas pelas industrias e comercio local, e assim, se submetem a baixos salários e péssimas condições de trabalho. Os moradores da comunidade Catu, devido aos acontecimentos ao longo do tempo, sofrem ainda de discriminação, levando muitos, até mesmo negarem sua origem potiguara.

Outros que resistem a pressão, se sentem deslocados em meio a um grupo que os vêem como selvagens.

Durante o processo da ação pedagógica na escola, fui surpreendido por uma senhora, de aproximadamente 60 anos, e que durante uma conversa, como forma de piada diz: "esse povo do Catu come até gente". O tom de brincadeira deu lugar a um certo desconforto, uma vez que alguns alunos da escola e moradores da comunidade estavam comigo. Tal comentário pode ter início nos acontecimentos no período da invasão holandesa, onde a luta pelo domínio das terras, entre portugueses e holandeses ocasionaram na morte de colonos e clérigos, lançando a culpa contra os indígenas potiguares.

A principal contribuição desse trabalho é a melhora da relação entre os habitantes do centro da cidade e os da comunidade remanescente, para que desse modo, diminuam as ofensas e aumente a autoestima dos moradores do Catu, através da reflexão sobre a história, os costumes e crenças que estão entrelaçados na população (a partir do graffiti).

O objetivo desse trabalho foi promover uma intervenção urbana em um muro com dimensões de 3x 10 metros, com o uso de técnicas de graffiti, na Escola Municipal Dr. Hélio Mamede de Freitas Galvão(localizada na Rua Café Filho, sem número, as margens da BR-101, Goianinha,RN), partindo de imagens dos seres encantados que fazem parte do imaginário do Catu dos Eleotérios, comunidade indígena remanescente, entre as cidades de Goianinha e Canguaretama, localizada as margens do Rio Catu, que nasce na mata da comunidade e deságua entre as praias de Sibaúma (Tibau do Sul) e Barra do Cunhaú (Canguaretama), como podemos ver na figura 2.

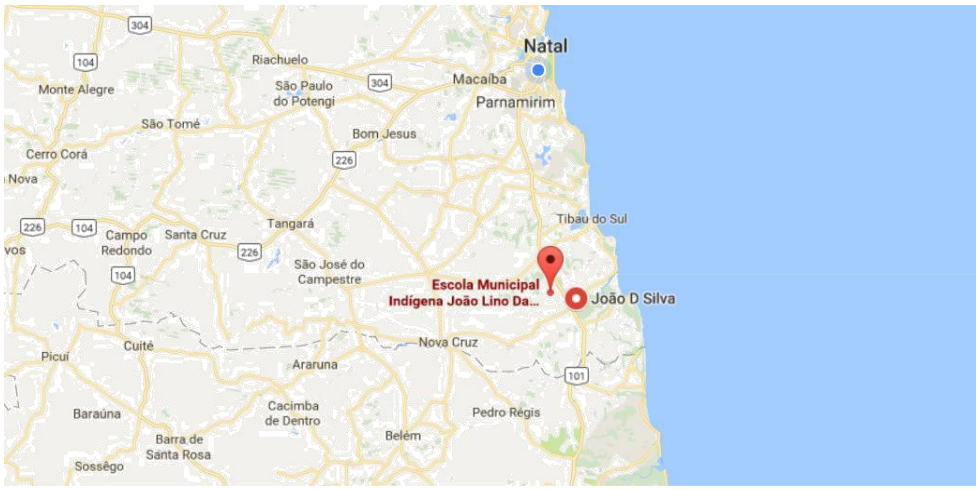


Figura 1 Localização da Escola Municipal João Lino. Google Maps. 16 Novembro 2017. Disponível em: <http://bit.ly/2A30mQm>

Figura 2 imagem de satélite da comunidade. Google Maps. 16 Novembro 2017. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/place/Rio+Catu/

Para isso, se fez necessário, visitas ao espaço onde a comunidade está situada, vivenciando as práticas cotidianas dos moradores e assim realizando alguns registros fotográficos do espaço, afim de investigar as figuras míticas que envolvem as práticas religiosas da comunidade, os padrões corporais e seus significados, estabelecendo articulações com o processo de pesquisa em artes e, ao fim, executando uma ação pedagógica na cidade de Goianinha, aproximando a população e a cultura da comunidade.

A pesquisa contribuiu de forma significativa para minha formação, uma vez que pude exercer a função de professor/pesquisador, pondo em pratica os conhecimentos adquiridos durante o processo de graduação.

Assim, a pesquisa em arte surgiu a partir de visitas frequentes com a documentação em cadernos, áudio, filmes e fotografias, criando uma articulação entre os sujeitos da pesquisa (pesquisador e os moradores de Catu dos Eleotérios), tal como suas manifestações culturais, presentes em suas pinturas corporais e artesanato. Partindo de entrevistas semi-estruturadas foram estabelecido no campo o contato entre o imaginário da comunidade e das lendas, presentes no seu dia a dia, junto ao meu processo de criação a partir da vivência com os moradores do Catu.

Objetos utilizados nos rituais e no dia-a-dia da comunidade como a maracá (instrumento feito com a cabaça e sementes secas), o cocar, o arco e flecha, a zarabatana, as lanças, o cuité (cuia feita a partir da casca do fruto da cuitezeira), os colares de sementes e filtro dos sonhos, serviram de referências para o projeto. O graffiti foi construído a partir destes dados que se articulam e que se presentificam ao final do trabalho na composição. Mas, antes disto, a partir da relação de criação conjunta entre moradores do Centro da cidade e do Catu.

> Liberada de cânones, em especial o da representação, em vigor durante quatro séculos no mundo ocidental, a arte passa a questionar fronteiras, deslocar limites, provocar situações, interagir com o espectador (REY, 2002, p.1).

Durante o processo de criação é necessária a maleabilidade do artista. Como cita Rey (2002, p.2), "a pesquisa desenvolve-se em duas direções opostas e complementares: o pensamento estruturado da consciência e um afrouxamento das estruturas inconscientes".

> As diversas formas de grafismo utilizadas nas ambiências públicas foram produtos da subjetividade vigente e, também, produtores de subjetividade e do imaginário de um lugar (RINK, 2013, p.19).

Para o artista, a obra é, ao mesmo tempo, um processo de formação[...] e um processo no sentido de processamento, de formação de significado (REY, 2002, p.1), por isso, posteriormente, partindo da produção do graffiti e dos conceitos de imaginário propostos por Wunenburguer (1998)pretendo discutir a formação da imagens presentes no trabalho.

Uma vez que durante o processo de pesquisa, o conhecimento vai se construindo ao longo do tempo, modificando as compreensões anteriores sobre o objeto da pesquisa. As definições já instauradas sobre a finalização do projeto sofreu mudanças ao longo das visitas ao local, que aconteceram nos meses de agosto e setembro, com a finalidade estudar as pinturas corporais e experiências na mata do Catu.

Segundo Parayson apud. Rey (2002), a arte requer um processo no qual o artista, ao criar a obra, "invente o seu próprio modo de fazê-la", por isso processo criativo partiu do imaginário com o ouvir, ver e sentir e, assim, a poiética tem extrema importância na instauração da imagem.

A poiética trata do processo de pensamento que leva à criação e que se modifica de acordo com as nossas vontades. Passeron (1989) diz: *"a poiética será o que fizermos dela, nos limites do alcance, com a certeza ambiciosa de chegar a alguma verdade em um domínio reputado e obscuro"*. A poiética trata da instauração da obra, e se *"instaura como consciência de toda instauração"*.

Dessa forma,

> A poiética não é a criação. É o pensamento possível da criação. Ela trata de elucidar, tanto quanto é possível fazê-lo, o fenômeno da criação e, no mínimo, precisar sua colocação na Antropologia. Dizemos que é, simultaneamente, ciência e filosofia da criação (PASSERON, 1989, p. 2).

A poiética surge da contrariedade estética como "discurso proteiforme", onde apenas pessoas habilitadas poderiam falar sobre a arte. Sendo assim, a poiética fica responsável pela reflexão sobre a criação, e a estética pelas reflexões sobre a percepção, muito embora seja através do observar a imagem que definições como gosto e opinião pública seja formada.

Ao pensar na obra, durante o seu processo de criação, o artista impõe sobre ela fundamentos que se relacionam a suas normas e condutas próprias. E é a partir disso que podemos diferenciar a produção de uma obra de arte da produção de um objeto qualquer. Com isso, abordamos o pensamento sobre a produção, o que seria criar, e o que levaria a compreensão do ato de criação, apontando alguns atributos essenciais a ela, pois, ainda segundo Passeron (1989 p.3) “A conduta criativa é normativa, significando que todo criador, no trabalho, visa à obra como valor que dá sentido à sua conduta”. E isto constitui uma dialética do material, como nos diz Passeron(1989)

> A propósito da dialética do material e, mais amplamente, do que Engels denominava a dialética da Natureza, como distinguir o artista do engenheiro? (...) as obras do espírito são aquelas que o espírito faz para seu próprio uso (PASSERON,1989, p.3).

Dessa forma a criação se caracteriza por três pontos e, no primeiro momento o artista cria um algo único, logo após, esse objeto torna-se um falso sujeito e se aplicariam a ele relações pessoais, sendo que o autor não cogitaria seu desaparecimento, por fim, esse objeto se liga ao seu autor, criador que lhe deu a existência, fazendo com que o artista, de certa forma, colabore para sua definição.

A pesquisa é composta por quatro capítulos, que seguem uma linha cronológica e se complementam no decorrer do trabalho. No primeiro capitulo, abordo os acontecimentos ao longo do tempo que levaram ao interesse pelo tema da pesquisa, e como as minhas experiências se articulam no desenvolvimento do graffiti, que será trabalhado no decorrer nos próximos pontos. Os trabalhos que desenvolvi no inicio e os projetos que participei com oficinas de graffiti. Quem são os personagens da pesquisa, como se deu o contato inicial com eles, onde vivem, quantos são atualmente e como foi o diagnóstico inicial dos problemas enfrentados por eles.

No segundo, como aconteceram as visitas à comunidade, e de que forma esse contato foi importante na construção da composição da obra. O modo como abordei os relatos do líder da comunidade, para a partir disso, começar a relacionar os elementos repassados por ele, e estruturar cada personagem junto com as histórias que me foram contadas na infância. Os primeiros rascunhos, técnicas, participações e relatos da ação pedagógica, construção do mural e o esboço final.

No capítulo três são apontados os fundamentos teóricos da pesquisa, conceitos de imaginário e imaginal, graffiti como meio produtor de imaginário coletivo, a análise da ação pedagógica, estratégias metodológicas, como foi desenvolvido o planejamento da ação, os pontos abordados durante as palestras e atividades, relatos de alguns alunos,as dificuldades encontradas e de que forma os conceitos sobre imaginário e graffiti são pontos importantes na criação de um novo conceito de imaginário na escola.

O interesse pela temática dessa pesquisa teve início através de minhas experiências pessoas a partir do meu trabalho com o graffiti. Comecei a usar muros como suporte desde a adolescência na minha cidade, Goianinha, situada no interior do Rio Grande do Norte. Meu contato com o graffiti surgiu em visitas à outras cidades como Recife, João Pessoa e Natal. Fui me interessando pelo uso da tinta em spray e, mais ainda, por ser algo exposto vinte e quatro horas por dia, em um ambiente aberto e disponível a todos que passam. Facilitando o contato direto com esse tipo de expressão.

Em 2010, passei a acompanhar o trabalho de alguns artistas. Entre eles, Os Gêmeos e Crânio (Fig. 3), que abordavam temas polêmicos como a corrupção, desigualdade social e a situação dos conflitos indígenas no país em seus graffitis pelas ruas de São Paulo e ao redor do mundo como em Berlim, Londres e Los Angeles. Vi que em algumas das suas obras eles usavam não só o Spray, mas também a tinta acrílica aplicada com pincéis, o que torna a técnica mais acessível, como está ilustrado na figura 1.

Figura 3 BAUER, Mônica. Grafiteiros de São Paulo: Crânio. Culturadoria. 09 Maio2013. Disponível em: https://culturadoria.wordpress.com/2013/05/09/grafiteiros-de-sao-paulo-cranio/. Acesso em 19 Maio 2017

Em 2013, quando entrei no curso de Licenciatura em Artes Visuais, tentei aprimorar minhas técnicas de desenho, sempre usando o muro do sítio da minha avó para testes e, com isto, melhorei significativamente a habilidade de produzir em grandes dimensões. Infelizmente, não costumava registrar o meu trabalho na época. Hoje, resta apenas um deles e, mesmo assim, muito apagado (Fig. 4).

Figura 4 Pinheiro. Âncora para a alma. Arquivo pessoal. Tinta acrilica e Spray sobre parede. 2013

Em 2013, ministrei um minicurso de graffiti na Casa de Cultura Popular de Goianinha, levando em consideração as práticas no muro da casa de minha avó. Na época, já havia uma procura por parte de amigos para aprender a usar tinta em spray e, partir deste desejo, fui em busca de um lugar para ministrar um minicurso (Fig. 5). Na preparação do minicurso realizei uma rápida pesquisa sobre o histórico do graffiti, onde surgiu e suas vertentes. Escolhi os materiais que foram utilizados e técnicas mais apropriadas para crianças e adolescentes. Ao final do curso, tínhamos a criação de um graffiti.

Figura 5 Apresentação da turma. Acervo pessoal. 2013

Criamos diversos trabalhos, em uma área que estava abandonada, um antigo parque de skate. Os alunos se separaram em grupos, prepararam um esboço e executaram seus trabalhos espalhados pelas rampas. Eu e mais alguns alunos, decidimos trabalhar em outra parte, em uma das paredes de um anfiteatro, como mostra a figura 6.

Figura 6 Graffiti na cidade de Goianinha. Acervo pessoal. Tinta acrílica sobre parede. 2013

O trabalho teve como título Gaia-Mãe Terra, com dimensões de 3 x 20 metros, aproximadamente, e era composta por três partes: o dia, com o mar, à esquerda; a noite, rodeada de florestas, à direita; e, ao centro, uma deusa, com olhos vazios e cabelos que se misturavam com os elementos água e terra.

Infelizmente este trabalho não durou muito e todos os outros trabalhos no parque tiveram o mesmo destino, foram apagadas por funcionários da prefeitura. A arte deu lugar ao logotipo da prefeitura.

Figura 7 Detalhe da obra. Acervo pessoal. 2013

No mesmo ano fiz parte de um trabalho desenvolvido pela professora Evanir Pinheiro, na elaboração de um mural nas paredes do Departamento de Artes da UFRN. Foi proposto um trabalho colaborativo, em que todos os alunos participaram do processo desde a escolha do tema, produção dos primeiros esboços, aplicação do desenho na parede e a finalização do trabalho. Assim pude adquirir experiências em todas as fazes da produção, desde o rabisco inicial até os detalhes finais, e que fez muita diferença no momento da ação pedagógica, uma vez que lembrando da forma como trabalhei, me fez repensar na metodologia utilizada para essa proposta, principalmente o fato de ter sempre um grande numero pessoas envolvidas ao mesmo tempo, em uma mesma obra, tornando-o um projeto autoria em conjunto.

Figura 8 Parte 1.Mural Departamento de Artes. Acervo pessoal.Tinta acrílica sobre parede. 2013

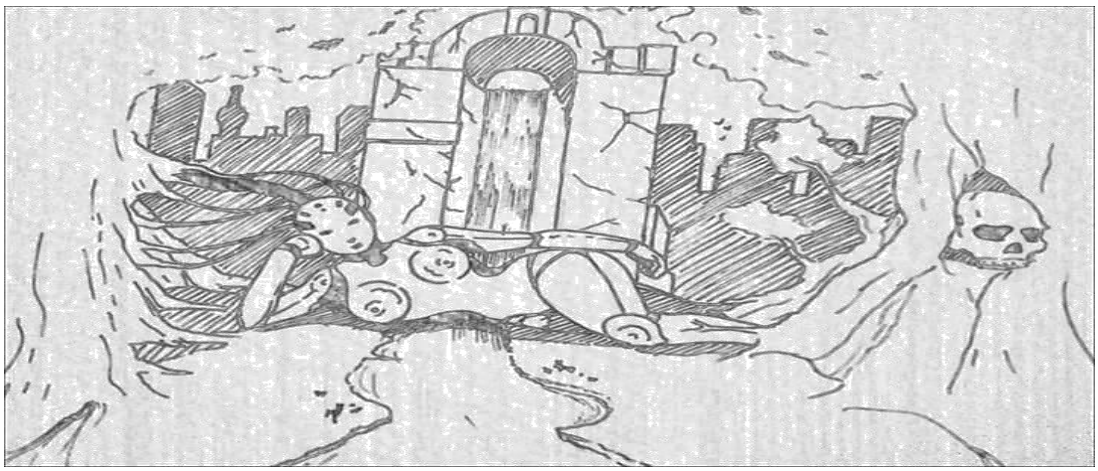


Figura 9 Esboço parcial do Mural Departamento de Artes. Lyo Lima. Acervo pessoal. 2013

Figura 10 Parte 2. Mural Departamento de Artes. Acervo pessoal. Tinta acrílica sobre parede. 2013

1. "OS CATUZEIROS"

A nomenclatura “catuzeiro” surgiu, segundo Palitot (2005), devido ao grande histórico de discriminações por parte dos moradores das cidades vizinhas ao Catu que, em um passado recente, costumavam chamá-los de "catuzeiros", tratando-os como um povo atrasado e arredio (PALITOT, 2005).

A comunidade enfrenta problemas de contaminação do solo e consequentemente o lençol freático, uma vez que a proximidade com a produção de monocultura açucareira faz com que parte dos defensivos agrícolas, utilizados para combater pragas e aumentar o rendimento do cultivo, seja levada pelo vento, e assim, interfere nas plantações de

subsistência e nas criações, contamina as águas, e alguns moradores relatam sofrerem de reações alérgicas e infecções, provenientes do consumo da água e desses alimentos.

Nos últimos meses os problemas aumentaram, com casos de desmatamento ilegal e derrubada de parte da mata pela industria açucareira, chegando bem próximo à nascente do rio, principal recurso para a continuidade dos moradores na região, como podemos ver nas figuras 11 e 12.

Figura 11 Área desmatada próximo a nascente do rio Catu. Acervo Pessoal. 2017

Figura 12 Faixa de mata devastada. Acervo Pessoal. 2017.

2.1 A COMUNIDADE A PARTIR DO MEU OLHAR

Segundo o líder comunitário Luis Catu, hoje a comunidade conta com "duzentas e três famílias indígenas totalizando uma média de setecentos e vinte e seis índios dentro da aldeia, mas tem mais de mil e cem habitantes, e uma grande parte não indígena, isso forma hoje a população do Catu, os troncos familiares antigos, os primeiros troncos são formados pelos "Eleotérios", famílias que saíram do aldeamento de Vila Flor em direção a nascente do rio.

Em 2015, tive a oportunidade de participar do programa *Mais Educação* (que visa à educação em tempo integral dos alunos, os quais participam de oficinas e aulas especiais durante o contraturno de aulas regulares), na Escola Municipal Dr. Hélio Mamede de Freitas Galvão, em Goianinha. Durante minhas atividades, pude trabalhar com os alunos não apenas conteúdos das Artes Visuais, como também de ética e cidadania.

No processo de intervenção educativa, identifiquei um grande problema na escola: agressões verbais. Os alunos que residiam em Catu, mesmo não existindo uma diferença destoante entre os bairros próximos ao Centro (no que se refere à condição socioeconômica dos moradores) sofriam com constantes agressões verbais no espaço escolar. Os moradores da comunidade Catu dos Eleotérios, eram o maior alvo destas agressões, tratados pelos próprios alunos como inferiores aos outros. As agressões eram um problema que vem se arrastando por gerações, os moradores mais velhos da comunidade eram tratados assim, seus filhos e netos também.

A amizade dos moradores do Catu com meu pai e meus avós era antiga e, consequentemente, esse convívio me trouxe grande apreço por eles. Mesmo não tendo noção da sua riqueza cultural e histórica, achava incríveis as historias contada pela minha avó, que tinham origem nos mitos da comunidade.

Figura 13 crianças com pinturas corporais, durante visita a comunidade, 2017.

Uma delas era a história do menino que foi transformado em pássaro conhecido como haja pau, por sua desobediência e, por ter sido o causador das discussões entre seus pais, sua mãe o condenou a passar a eternidade "voando de galho em galho" e gritando a expressão: haja pau. Isso fez parte da minha infância e, por diversas vezes quando pensava em "aprontar" alguma coisa, lembrava do trágico fim do menino que virou pássaro e logo desistia da ideia. Luis Catu, durante uma de nossas conversas, afirmou que essa mito faz parte da educação das crianças, sempre mostrando o que se deve ou não fazer, passada pelos antepassados através da oralidade.

Outra história relatada é a de Comadre Florzinha, o encantado (como é chamado pelos moradores do Catu) mais presente nas histórias contadas pelos moradores, sempre me chamou a atenção, mesmo sendo um ser bondoso, nunca quis encontrá-la pelo estábulo onde ficavam os animais do sítio. Já minha avó a admirava, e chamava apenas de Florzinha. Segundo ela, era uma menina que sempre trançava as crinas dos cavalos. Por muitas vezes, ao acordar, a primeira coisa que fazia era olhar os cavalos, para ter certeza de que ela não tinha passado na noite anterior. Conta-se que a florzinha é uma menina, que habita as matas, sempre protegendo as plantas e animais. Quando alguém age de maneira errada, derrubando as arvores, caçando desnecessariamente ou não á respeita, ela os espanca, geralmente com galhos de urtiga, e em casos extremos, deixa os invasores desnorteados e, dessa forma, acabam por morrer perdidos na mata.

Por viver boa parte da minha vida no sítio da minha avó, sempre rodeado de natureza, aprendi a respeitar e cuidar não só dos animais como também das plantas, uma filosofia muito parecida com a dos que vivem no Catu.

Ao presenciar as ofensas decidi tomar como desafio tentar reverter um pouco deste problema dando mais visibilidade à cultura do Catu, para que os moradores possam de alguma forma se sentir representados na cidade. Assim, articulando espaços na cidade entre grupos diferentes e que obtenham o devido reconhecimento, mesmo que apenas por um certo tempo, já que a pintura será de caráter efêmero.

No ano seguinte, 2016, dei início à busca por meios e técnicas para o trabalho de conclusão de curso. A ideia inicial era trabalhar com arte urbana, graffiti e estêncil. A partir disso, decidi que meu TCC deveria atender não apenas à minha formação acadêmica como também teria que atender a alguma contribuição social, no caso, através do graffiti como ferramenta contra o preconceito na cidade.

> Sabemos que o que mais conta nas cidades hoje é o fato de que elas influenciam, por meio de equipamentos materiais e imateriais, todos os aspectos da existência humana na vida capital, sendo fundamental para sua produção e reprodução (RINK, 2013, p.16).

Comecei a buscar informações sobre a comunidade, como ela se instalou no local, quem eram seus moradores, quais atividades realizavam e o modo de trabalho deles, bem como todas as atividades exercidas por eles. Vi também que atividades artesanais eram muito presentes entre eles como os colares, brincos e adornos feitos com sementes, fibras vegetais e penas coletadas na mata. Nas figuras 14, 15 e 16 podemos ver um pouco dos trabalhos realizados pelos nativos.

Figura 14 Artesanato do Catu. Acervo pessoal, durante visita a comunidade. 2017

Figura 15 Artesã responsável pela venda dos artefatos. Acervo pessoal. 2017.

Figura 16 Colares de sementes. Acervo pessoal, durante visita a comunidade. 2017

Descobri a localidade afastada das cidades vizinhas, que mantinha vivas as suas crenças. Todos os "encantados"[1], seres habitantes e protetores das suas matas eram presentes no dia-a-dia de todos que moravam ali. Tais seres, constituem a representação/relação entre esse povo e a terra em que vivem, a floresta que os protege desde que eram perseguidos pelos portugueses. A única exigência, do líder da comunidade, é a de que eles cuidem de suas nascentes e plantas, para que a vida seja mantida.

1 É desta forma que os personagens das lendas da comunidade são tratados pelos moradores locais e descendentes indígenas, segundo Luiz Catu (28 de Março de 2017).

No Rio Grande do Norte, durante um longo período, a existência dos povos indígenas permaneceu em completo silêncio. Hoje, alguns desses grupos estão reivindicando publicamente o seu reconhecimento como tais, muito embora esse reconhecimento já acontecesse por parte de muitos moradores da região. Só há poucos anos reivindicam politicamente os seus direitos perante a sociedade e a administração pública.

Figura 17 recepção aos visitantes na escola. Acervo pessoal, durante visita a comunidade. 2017

Os moradores do Catu fazem parte desse grupo e vem enfrentando diversos problemas, tanto judiciais quando sociais. A discriminação é a que mais afeta, uma vez que nas escolas tradicionais, em que muitas das crianças da comunidade estudam, elas são oprimidas e, por muitas vezes, preferem esconder sua origem.

Figura 18 Alunos da escola indígena durante apresentação na cidade de Goianinha. Acervo pessoal. 2016.

No ano de 2005 aconteceu uma audiência pública em que foram tratados assuntos que envolvem a legalidade dos territórios pertencentes às comunidades indígenas. Abaixo, segue um trecho da notícia publicada por Estevão Palitot (Grupo de Trabalho Indígena e Comissão de Direitos Humanos- UFPB) sobre o assunto:

> Uma Audiência Pública sobre a presença dos povos indígenas no Rio Grande do Norte ocorreu ontem(dia 15) na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte, em Natal. Lideranças dos três povos indígenas entregaram abaixo assinados contendo reivindicações de inclusão nas políticas públicas oficiais de proteção aos seus povos[...] são conhecidos como comunidade do Catu (que vive nos municípios de Goianinha e Canguaretama(...) foram apoiados por lideranças Potiguara da Paraíba, em nome da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (PALITOT, 2005).

2. DO RASCUNHO A PAREDE - PROCESSOS QUE LEVARAM AO GRAFFITI.

Na comunidade conhecida como o Catu dos Eleotérios, tem se intensificado o trabalho de resgate e ensino de costumes dos seus ascendentes. Com esse trabalho pretendo auxiliar à escola indígena a difundir sua cultura na comunidade e fora dela. Essa pesquisa sobre imagens criadas através da oralidade, visa o "mergulho" do pesquisador nas histórias contadas pelos moradores, pinturas corporais e seus significados e a participação no dia-a-dia e nos rituais.

E como passou a vigorar a lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que impõe o ensino de conteúdo histórico-cultural indígena e afro brasileira nas escolas, esse trabalho servirá de apoio para a educação local, de forma que se torne reconhecida a cultura indígena da comunidade na cidade de Goianinha, e seja assunto de debates sobre a resistência indígena local, que passa por um momento delicado, onde se reivindica a demarcação da "TI".

> Terra Indígena (TI) é uma porção do território nacional, de propriedade da União, habitada por um ou mais povos indígenas, por ele(s) utilizada para suas atividades produtivas, imprescindível à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e necessária à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições (FUNAI,2017).

Para Taís Cruz (professora da Universidade do Vale do Acaraú e antropóloga),quando questionada pelo repórter Marcelo Lima durante uma entrevista para o jornal Tribuna do Norte na comunidade do Catú, se a lei 11.645 / 2008 é para todas as escolas, ela diz:

> Todas as escolas. É uma disciplina até gostosa, a reciprocidade é maravilhosa. Não sei se é por que tem muitas aulas de campo. Eu pelo menos tenho esse hábito (LIMA,2016).

Mais a diante na entrevista ela é questionada sobre a aceitação dos povos indígenas e responde:

> A comunidade indígena está vivendo uma nova fase, a fase da aceitação. Primeiro houve a aceitação da comunidade acadêmica. Por sua vez, a comunidade acadêmica começou trabalhos de publicidade mostrando essa outra versão[...] Eles estão indo a encontros com outras comunidades, estão resgatando a autoestima de ser indígena[...] Quando as pessoas saem do Catu e vão estudar o ensino médio em Goianinha ou Canguaretama, eles são completamente inferiorizados, e voltam para a sua aldeia com o sentimento de não pertencimento, de falta de identidade (LIMA,2016).

> Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

> § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (Brasília, 2008).

As visitas à comunidade influenciaram o processo de construção imagética, onde a busca por referencias visuais modificou boa parte da obra, e a maioria dos elementos que constam na composição foram retirados de observações da rotina dos moradores.

Já os personagens são totalmente criados a partir dos relatos do líder comunitário, de eventos ocorridos durante minha vida e a partir da entrevista (disponível no anexo 1), então passei a estudar cada palavra que se referia aos personagens e como articulá-los de maneira coerente, buscando em minha memória outros aspectos, usando as lendas contadas pela minha avó, Dulce (artesã e líder da associação de artesões do bairro onde mora), e construindo uma figura de acordo com as informações absorvidas durante boa parte da minha infância. Como no caso da Comadre Florzinha, que segundo minha avó faz, tranças nas crinas dos cavalos, o que para mim, mostra a doçura e delicadeza de uma criança e o cuidado que ela tem com os animais. Isso influenciou na escolha da figura da Comadre Florzinha, que, mesmo querendo torná-la uma criatura mística que habita as florestas, não conseguia desvincular esse aspecto infantil dela.

Então segui a construção da Comadre Florzinha da seguinte forma: esquematizei uma menina de aproximadamente nove a dez anos de idade, com tranças nos cabelos e com um tatu nos braços, que tinha uma marca de corte em uma das orelhas como identificação de que a pertence. A menina vem do meu esquema subconsciente, as tranças através do discurso da minha avó e o animal por conta do relato de Luiz Catu. Sendo assim, a construção imagética se dá por diferentes pontos de referência, mas que buscam uma ideia em comum.

> A imaginação[...] é mais um processo do que um estado [...] que se inspira no discurso para se transformar, no final, em "imaginação produtora" tornada manifesta por meio das praticas imaginativas [...]". É no imaginário que eu experimento o meu poder fazer, que eu meço, eu posso (WUNENBURGER, 1998, p. 31)

Para o Haja Pau, lembrei dos meus amigos, principalmente do bairro Pitombeira, em Goianinha, onde cresci, em que a figura "encantada", de acordo com os relatos no Catu e na minha casa, era uma criança tomada pela maldade e que foi capaz de por seus pais um contra o outro. Nas redondezas do sitio onde mora vinha avó, alguns garotos aprontavam constantemente, pregando peças, roubando frutas e mentindo, e era comum ver os mais velhos dizendo, "vocês ainda vão virar o Haja Pau".

A partir da imagem de um " garoto que apronta", busquei os elementos que compõem o ser mítico do Catu, em que no conto o garoto se transforma na ave Haja Pau, então depois de algum tempo comecei a imaginar o garoto-ave, como se ele se transmutasse entre ave e menino, e que sua figura estaria no meio desse processo, em sua cabeça estaria o cocar, enfeitado não apenas com penas mas também com cabeças de aves diversas, e no centro uma cabeça maior com um grande bico, em sua mão ele possui uma forma de "lança-cajado", objeto visto em uma das visitas que realizei. Esse é coberto por enfeites de sementes, penas e crânios de aves como uma forma de identificar o Haja Pau como "dono absoluto do objeto".

Para a Mãe D'água, a figura mais presente no meu imaginário é a de uma sereia, a Iara, a qual por meio das histórias contadas na escola, seria uma bela mulher que seduz os homens, lenhadores e caçadores que destroem o seu habitat, os leva ao fundo do rio e os mata afogados; é muito parecida com o que foi contado na comunidade, em que a Mãe D'água seria uma divindade e que para invocá-la é necessário que se coloque um recipiente como o Cuité, virado para baixo, e quando isso é feito de maneira desnecessária ela o leva ao fundo do rio e o afoga.

Muitas dessas imagens e recordações vêm como um "sopro" em alguns sonhos. Daí, me levanto da cama no meio da noite e faço anotações em um grande quadro branco para não esquecer. O sonho seria uma projeção do imaginário que me faz construir imagens aleatoriamente no subconsciente a partir de figuras guardadas através do processo de assimilação e acomodação estudado por Piaget, em que a assimilação é o processo de incorporação dos dados capitados a partir da realidade e dos esquemas que estariam disponíveis no sujeito, e a acomodação é o processo constante de modificação desses esquemas.

Esse é um dos motivos pelo qual está presente na maioria dos esboços da obras o filtro dos sonhos, como elemento pelo qual construo composições, o segundo motivo é o uso pelos moradores do Catu como uma peça de artesanato, um dos meios de onde tiram seu sustento.

> A interpretação apresenta-se como uma subjetivação do que é dado à intuição, isto é, como uma apropriação pessoal, em termos de experiência própria, do conteúdo latente das imagens (WUNENBURGER, 1998, p. 28).

Já as pinturas corporais foram estudadas através de mais visitas ao local e uma busca por referências externas a comunidade, como outras comunidades indígenas e aldeias que

usam padrões parecidos, à partir disso, as formas dos padrões, além dos seus significados, são aplicados a obra.

Ao longo do processo de pesquisa e criação, muitas alterações foram necessárias em relação ao espaço utilizado, os esboços e até mesmo os materiais empregados, uma vez que a ideia inicial seria desenvolver o graffiti em um dos viadutos da cidade. Ao entrar em contato com a secretaria de infra-estrutura do município, fui orientado a buscar um outro espaço, já que a administração local não era responsável pelo área, e sim o DNIT(Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes), devido a delimitações jurídicas, em razão de ser uma obra de administração federal, não pude utilizar do espaço para a fim do projeto.

Sendo assim, uma das alternativas foi o uso de galpões que estariam supostamente abandonados, mas que pertenciam a usina de cana de açúcar local. Os galpões estavam à venda e, ao entrar em contato com a imobiliária responsável, fui informado de que a estrutura já pertencia a novos donos, e que seriam demolidos. Propus o uso de uma parede lateral enquanto os novos donos não iniciavam o projeto, e após duas semanas recebi a noticia de que não seria possível, uma vez que toda a área seria isolada na mesma semana.

Dessa forma, decidi seguir uma das recomendações da banca, onde foi sugerido utilizar o espaço da escola onde foi diagnosticado os primeiros conflitos que deram início à pesquisa e, assim, realizar a ação pedagógica.

Busquei a gestão da escola para explicar a ação, e logo no primeiro contato fui muito bem recebido pelo vice diretor, que se prontificou a providenciar uma reunião com a diretora. Dessa forma, pude esclarecer do que se tratava a ação e a importância que ela teria para se criar um espaço em que todos se sintam representados.

Em momento algum fui questionado quanto ao uso da estrutura da escola, e tive liberdade para a escolha do local.

Para que fosse possível a junção do graffiti e a ação pedagógica alguns pontos teriam que ser considerados. Um deles é o fato do espaço estar em uma escola, e que, de alguma forma deveria trazer uma mensagem educativa. Para isso, foi planejada uma palestra com o líder da comunidade remanescente Luis Catu, e também um intercâmbio junto à Escola Municipal Indígena João Lino. O segundo ponto seria o local onde o graffiti seria realizado, e decidimos utilizar o espaço de estacionamento da escola, em uma parede interna de medidas 3x10 metros, e que estaria protegida da ação de sol e chuva.

> Além disso, o material utilizado para a pintura teve que ser alterado uma vez que, por se tratar de uma ação em conjunto com as crianças, o esmalte sintético em spray poderia causar alergias e intoxicações. Assim, optei por utilizar a tinta acrílica por se tratar de uma material acessível, de fácil manipulação e não tóxica.

Por último, como seria o painel, as formas e os elementos, pois seria uma atividade realizada em um curto período de tempo, e, para que não apresentasse um alto gral de dificuldade para as crianças, decidi dar uma abordagem mais esquemática ao graffiti, com traços mais simples e poucos detalhes.

Os personagens escolhidos foram a Comadre Florzinha, o Haja Pau e a Mãe D'água, com formas mais humanizadas, e todos com características infantis; me fogem um pouco disso, pois a idéia do uso dos olhos vazios traz um pouco de ar místico às criaturas.

Os elementos que os cercam e os tornam característicos das histórias contadas continuam os mesmos.

Para Comadre Florzinha, o mais simbólico é o filhote de tatu que carrega nos braços. O filhote têm uma marca na orelha esquerda, o que, para muitos caçadores da região, é uma forma de identificar os animais protegidos da encantada, e que não devem ser capturados. Alem do animal, ela ainda tem os cabelos longos e trançados, o que remete ao que ouvia quando criança, que a encantada saia a noite para trançar as crinas dos animais. Nas suas tranças, algumas flores de urtiga, a planta que ela usa para espancar aqueles que não agem de forma correta dentro da mata, podemos observar tais aspectos na figura 19.

Figura 19 Esboço Comadre Florzinha. Acervo pessoal. 2017

O Haja Pau (figura 20) têm seu simbolismo presente nos adereços que usa, as penas de diversas aves colocadas no cocar, nos brincos e também em seu cajado, remete a sua transformação de menino para pássaro. O cajado é a representação da liderança, significado esse que foi observado durante as visitas à comunidade, em que o cacique sempre estava portando uma espécie de cajado, feito de madeira maciça e com desenhos e formas entalhados. Para representar a morte da mãe, ocasionada pelo encantado, foram colocados em seu cajado diversos crânios de pássaros. O seu cajado é simples, como se ele o tivesse retirado de uma arvore e adornado.

Figura 20 Esboço Haja Pau. Acervo pessoal. 2017

Para a Mãe D'água, como podemos ver na figura 21, alguns aspectos como as escamas e guelras foram retiradas por conta do alto nível de detalhe. Então, de forma mais simples, a encantada possui em sua mão direita a cuia, o objeto que acreditam ser capaz de trazer a encantada à presença daqueles que lhe rogam um pedido. A encantada está dentro das águas, que ali representa a nascente do rio Catu, principal local de aparição do encantado segundo relatos do cacique.

Figura 21 Esboço Mãe D'água. Acervo pessoal. 2017

Todos os encantados possuem alguns elementos que representam os que habitam a comunidade, alguns desses elementos são os colares de sementes e brincos feitos a partir de penas coloridas, fibras vegetais e sementes, e que hoje é comumente produzido para a subsistência através do artesanato. Outros itens são as pinturas corporais, e que foram feitas a partir das observações feitas durante as visitas de campo e ajuda de alunos da escola e moradores da comunidade Catu, que já haviam estudado na escola indígena e conheciam as mais diversas formas e seus significados.

Outro ponto a ser considerado seria a quantidade de cores a serem usadas no mural, o que ficou delimitado ao uso de corantes em cores primárias, e a partir disso, pensar em um esquema que não necessitasse a compra de tintas em diversas tonalidades, mas apenas um galão de aproximadamente dezoito litros na cor branca. Dessa forma, evitaríamos o desperdício e ainda os alunos aprenderiam sobre teoria das cores.

A direção da escola ficou responsável pela escolha dos alunos que participariam da ação e, dessa forma, as turmas escolhidas foram 6º "A e B" do turno matutino, com cerca de vinte participantes.

Por fim, a procura por pessoas que pudessem contribuir com doações para realizar a ação. Em primeiro momento busquei apoio junto à prefeitura municipal e, devido à dificuldade de acesso a administração, não obtive êxito, mas, ao contatar algumas casas de

construção, às quais já tínhamos parcerias em projetos anteriores, se comprometeram a ajudar com boa parte dos materiais necessários, além da doação da tinta pela diretora da escola.

Para a execução do projeto foi realizada uma ação pedagógica com duração de quatro dias na própria escola em que serão ministradas palestras com os representantes da comunidade, oficinas de pintura corporal e artesanato indígena, e fotografias obtidas durante a pesquisa e o processo de criação do mural.

3. ANÁLISE DOS ELEMENTOS DO MURAL

Neste capítulo analisaremos os elementos que compõe o mural, partindo do imaginário, o seu poder de modificar imagens, passando pala produção do graffiti até as nossas ações realizadas ações na escola Hélio Galvão.

3.1 IMAGINÁRIO

Ao desenhar ou pintar uma composição de imagens estamos resgatando toda a bagagem perceptiva que adquiridos ao longo da nossa vida e, ao mesmo tempo, criamos algo novo, proveniente do nosso próprio processo de construção. Esse processo aborda não somente o espaço onde vivemos, como também o período em que nos encontramos.

> [...] o imaginário não é apenas um termo que designa um conglomerado de imagens heteróclitas mas remete para uma esfera psíquica onde as imagens adquirem forma e sentido devido a sua natureza simbólica (WUNENBURGER,1998, p.23).

O processo de construção se divide em três níveis de formação de imagem, onde a primeira, a imagética, designa o "conjunto das imagens mentais e materiais" (Wunenburger, 1998), nisso se inclui o cinema, a fotografia, televisão, desenhos e pinturas. A partir disso entendemos o imaginário, que é o segundo nível e reúne uma série de imagens que são colocadas na ausência de uma realidade existente, levando à criação de uma área que representa aquilo que é irreal, e que ainda pode nos levar a um caminho de possibilidades e nos permite pensar sobre o simbólico.

Por fim, o terceiro nível é o imaginal, que é a presença da criação, partindo da ideia do novo, em que não se apóia em predefinições ou formas e modelos já existentes. O imaginal, enquanto ligado com a imaginação criadora, eleva o pensamento simbólico que faz o papel de atualizar as imagens em um novo sentido. Sendo assim, essas três categorias de imagens que se interligam, têm o papel de definir intencionalidades como metaforizar e imaginar.

> [...] a imaginação, se estiver profundamente ligada ao inconsciente pessoal do sonhador, apresenta-se antes de mais, do ponto de seu conteúdo, como uma imaginação material que os sonhos vão ligar intimamente ao cosmos (WUNENBURGER,1998, p.26).

O poder da imaginação em modificar imagens impregna-se nas "profundezas do ser" , onde as imagens apresentam-se como uma expressão carregada de poder de significação e força de

transformação, e que segundo Wunenburger, "a análise do imaginário pode, portanto, efetuar-se por uma via negativa, na ciência, que apreende a imagem como uma fonte criadora". Essas imagens ainda passam por uma transformação em novas imagens por uma consciência "onírica", quando entram em contato com elementos exteriores a elas.

Por fim, o imaginário quando enraizado no sujeito, não se desenvolve em volta de imagens livres, mas sempre impõe uma lógica estruturada, que leva o imaginário a um "mundo de representações", e que, segundo Wunenburger, *"a interpretação apresenta-se então como uma subjectivação do que é dado à intuição, isto é, como uma apropriação pessoal, em termos de experiência própria, do conteúdo latente das imagens"* (1998, p. 28).

3.2 GRAFFITI

O imaginário sempre esteve presente no desenvolvimento das sociedades ao longo do tempo com os contos e lendas. Rink (2013) cita Mafessolli(1995), e diz que "mitos são narrativas plurais e fantásticas que possibilitam uma linguagem por meio de imagens que abarcam sentimentos compartilhados com o corpo social".

> Para entendermos melhor a relação que pode ser estabelecida ente a cidade e a psique, é importante considerar a imaginação humana como um importante elemento da construção psíquica (RINK, 2013, p.40)

A capacidade de imaginar é ativada a partir de inter-relações ou ainda pelos contatos do sujeito com os signos no meio urbano. Assim, cada cidade pode ser vista como "expressão da psique coletiva" ,segundo Rink (2013), e se conecta às experiências dos habitantes. A psique está sempre em movimento e constate mudança. Sobre o graffiti, ao longo do desenvolvimento humano, sempre existiu algum tipo de representação imagética em meio a sociedade, seja ela nas pinturas rupestres ou vitrais das catedrais góticas onde é impregnado de imaginário. Estas, segundo Rink (2013), foram "produtos da subjetividade vigente e, também, produtores de subjetividade e do imaginário de um lugar".

> Na história humana há mostra do que a intervenção pictórica e gráfica nos espaços urbanos existiu desde os primórdios da civilização, revelando-se produtora de cultura em diversas sociedades (RINK, 2013, p.19).

Segundo Gitahy, as pinturas rupestres que se encontram nas paredes das cavernas, em sítio arqueológicos, são os primeiros exemplos de manifestação artística e que se pode relacionar ao graffiti. A forma como abordavam os fatos foram essenciais para podermos

compreender a forma como viviam, e mesmo sem saber o real motivo das pinturas, sabemos que eles desenvolveram uma técnica de formar imagens, e criaram uma linguagem simbólica própria.

Hoje as figuras que gravamos nas paredes não são mais as de animais abatidos, e sim de um conjunto de ideias, mas, estaríamos, mesmo que sem ter consciência disso, projetando para os futuros habitantes das nossas cidades, a forma como pensamos e vivemos através da arte de rua, ou como bem disse, Gitahy (1999) “Já houve quem questionasse: "O que pensará o homem do futuro ao deparar com os graffiti do século XX?”

De certa forma, o graffiti assumiu o papel de "vitrine" da forma como pensamos, sendo a expressão mais representativa da criação de um espaço de idéias em comum. Hoje não conseguimos mais separar a imagem de uma grande cidade dessa forma de representação.

Para Rink, "podemos considerar os graffiteiros e suas produções como importantes fatores para refletir o papel dos grandes centros urbanos, pois o conteúdo imagético de seus graffitis favorecem a produção da subjetividade" e, assim eles criam uma nova forma de produzir cultura, sempre implementando suas ações e agregando novos elementos, enriquecendo e transformando constantemente o "imaginário social".

Dessa forma, se o graffiti pode produzir cultura, transformando o imaginário social, no momento que usamos elementos de uma determinada ideologia, diferente do meio em que a obra se instaura, estamos criando uma nova configuração, essa, por sua vez, uma junção de imaginários coletivos, finalizando no processo de aceitação, pois se torna algo comum a ambos os grupos.

Um dos problemas enfrentados pelos que utilizam do graffiti é a legalidade de suas ações e, principalmente, em um momento em que são constantes os conflitos entre artistas e a administração pública, que travam uma briga incessante. A discriminação contra o graffiti vem desde a época da ditadura militar, quando os jovens pichavam palavras de ordem contra o governo autoritário, e eram severamente punidos pela censura implacável contra qualquer manifestação que fosse contra seus ideais.

Gitahy aponta a extrema diferença, no que se refere a liberdade de expressão em formas diferentes de governo, junto ao uso do graffiti como forma de manifestação, no caso do muro de Berlim, que estabeleceu uma divisão territorial e política entre as duas formas de governo da Alemanha.

> É interessante observar como o Muro de Berlim tinha duas faces completamente diversas: do lado oriental, o muro estava sempre limpo e de pintura intacta; do lado ocidental, desenhos e frases se sucediam, ora de forma articulada, ora desordenada, espalhando-se por longos trechos. (GITAHY, 1999, p.22).

De um lado os graffiteiros expõem suas opiniões em suas obras e, se essas não forem coniventes ao pensamento dos que estão no poder, são destruídas, reprimindo a liberdade de expressão, mas se mantêm a esperança de que as leis que regem a organização da cidade se adéquem às mudanças que ocorrem na sociedade.

> Na medida, porém em que uma cultura se transforma, suas leis também se modificam e se atualizam, revelando uma sociedade que produz mudanças (..) que facilitem a ocorrências de novas realidades, necessárias ao bem público (RINK, 2013, p.90).

3.3 RELATO DAS ATIVIDADES

No dia 26 de Outubro se iniciaram as ações na escola Hélio Galvão, as 14:30h, com a palestra sobre a luta dos povos indígenas, com o pajé Luiz. Ao chegar a escola percebi que muitos alunos não compareceram, e um dos motivos é que, a grande maioria mora distante do centro da cidade, dependendo do transporte disponibilizado pela prefeitura do município. Dessa forma, os alunos que estudam no turno matutino não teriam tempo suficiente para retornar a escola no contra turno. Sendo assim, a solução encontrada pela gestão da escola foi realizar as atividades com alunos do sexto ano "D", turno vespertino.

Com um total de 23 alunos (como podemos ver na figura 22), durante primeiro dia, Luiz deu inicio à o seu momento falando sobre identidade indígena; resgatou um pouco da historia dos índios potiguares, as lutas que enfrentaram e como se formou a comunidade do Catu. Os objetos utilizados diariamente pelos remanescentes, em seus rituais, para o uso domestico e caça, como a maraca, um dos principais instrumentos de percussão presente em diversas etnias pelo Brasil, o pilão, geralmente utilizado na produção de farrinhas, o covo, principal ferramenta para a pesca do camarão no rio e, o balaio, que os moradores utilizam durante a coleta da mangaba.

Figura 22 Palestra com Luiz Catu. Acervo pessoal. 2017

Figura 23 Ferramentas de pesca de camarão . Acervo pessoal. 2017

Figura 24 Balaio de cipó. Acervo pessoal. 2017

Figura 25 Maraca de cabaça. Acervo pessoal.2017

Luiz relatou ainda sobre o uso medicinal de muitas plantas encontradas na mata, e que mesmo com o acompanhamento médico disponibilizado, muitos moradores preferem buscar a ajuda dos curandeiros. Uma das plantas com uso medicinal é o urucum em natura, que além de seu uso nas pinturas corporais, tem alto poder cicatrizante. Por fim, ele apresentou alguns vídeos sobre a luta pela demarcação das terras indígenas e a discriminação sofrida pelo seu povo, entre eles, o videoclipe da música "demarcação já" e um documentário produzido por alunos do curso audiovisual da UFRN.

Na segunda parte da palestra, uma das professoras da Escola João Lino propôs uma dinâmica, onde as crianças ouviriam algumas palavras em tupi como partes do corpo (barriga, pé e cabeça), graus de parentesco(avô, pai e mãe), números e animais, e ao final, estourando balões que continham as palavras escritas, tentariam adivinhar o seu significado.

Figura 26 Alunas da escola indígena . Acervo pessoal. 2017

Figura 27 Dinâmica com os participantes. Acervo pessoal.2017

Por fim, os alunos foram convidados a participar de duas oficinas, uma de pintura corporal e outra de tiro com arco e flecha. Foi proposto que os alunos formaram-se dois grupos, e ao fim de cada oficina, os grupos participariam da outra atividade. Um dos moradores, guia

e instrutor de tiro com arco da comunidade, levou os alunos até o pátio, onde foi colocado um grande alvo, e os alunos aprenderam as técnicas utilizadas até hoje por parte dos caçadores da comunidade. O outro grupo permaneceu na sala, e aprendeu sobre os significados das pinturas, os materiais que eram utilizados para a pintura como o urucum e o jenipapo, os motivos de se utilizar as pinturas no dia a dia e durante os rituais.

Figura 28 Oficinas de tiro com arco e pintura corporal. Acervo pessoal. 2017

Todos os alunos saíram com algum desenho no braço ou rosto, cobertos por formas geométricas e repletos de significado, o que causou um certo espanto nas pessoas que encontramos pelas ruas da cidade.

Figura 29 Detalhes das pinturas corporais. Acervo pessoal. 2017

No segundo dia das atividades, falei um pouco sobre arte de rua, origem do graffiti e as diversas técnicas de intervenção urbana, como o stencil e o lambe-lambe, e apresentei parte da pesquisa sobre os encantados. Alem disso, abri uma discussão sobre o que seria liberdade de expressão, os limites do uso de espaços públicos e conservação desses locais pela arte. Muitos alunos ainda não diferenciavam o graffiti da pixação, então se fez necessário abrir um espaço para essa discussão, onde mostrei todo o processo até chegar ao graffiti realizado na escola, desde autorizações até mesmo o planejamento do esboço.

Figura 30 Palestra sobre graffiti. Acervo pessoal.2017

Figura 31 Diferenças entre graffiti e pixação. Acervo pessoal. 2017

Muitos dos alunos já tinham ouvido falar de alguns dos encantados, e um deles até contou uma experiência de seu avô com a Comadre Florzinha, que durante uma ida a mata, acabou sendo espancado, e acredita que tenha sido obra da encantada.

Ainda sobre os encantados, foi discutida as diferenças entre cada um deles, onde geralmente são relatadas as ocorrências, e o que cada um faz em relação ao convívio pacifico e a proteção das nascentes e matas da região.

No dia 30 de outubro, fui até a escola no período noturno para projetar o esboço(figuras 32 e 33) e deixar pronto o rascunho na parede, afim de diminuir o tempo que seria necessário no dia da oficina, já que a parede escolhida fica em uma área muito exposta ao sol, e seria inevitável o desgaste físico durante a atividade.

Figura 32 Processo de digitalização e projeção do esboço. Acervo pessoal. 2017

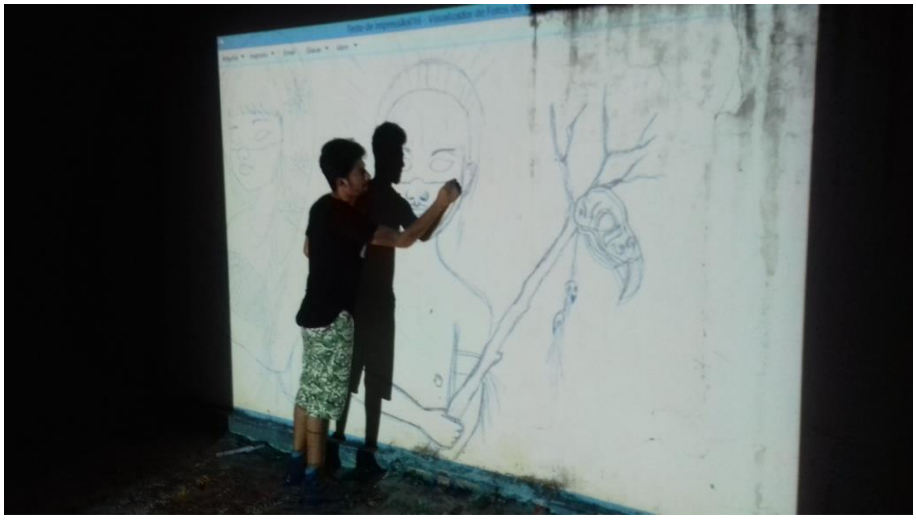


Figura 33 Reprodução do esboço. Acervo pessoal. 2017

A produção se iniciou na tarde do dia seguinte, onde os alunos, no primeiro momento, realizaram o processo de preparo das tintas a partir das cores primarias,onde transformaram dezoito litros de tinta branca nas mais variadas tonalidades, utilizando apenas corantes em cores básicas, como podemos ver na figura 34 ,e separando cada uma em um recipiente para logo após, aplicarem ao desenho, com rolinho de espuma e pincéis de uso escolar. Uma das principais dificuldades encontradas foi o calor excessivo(figura 35), o que gerou muita preocupação, uma vez que, mesmo utilizando o protetor solar, o desgaste era inevitável.

Realizamos diversas paradas para descanso e hidratação, e dessa forma, o trabalho se estendeu até um quarto dia, uma vez que o trabalho não foi finalizado por falta de tempo.

Figura 34 Preparação das tintas. Acervo pessoal. 2017

Figura 35 Local do mural. Acervo pessoal.2017

Os alunos que moravam na comunidade, mesmo não sendo escolhidos para participar da ação, se aproximaram do grupo e se ofereceram para ajudar. Um dos meninos já havia estudado na escola indígena, e conhecia bem as pinturas corporais, ficou responsável pela pintura corporal da Comadre Florzinha(figura 36). Dentre as discussões durante a pintura do graffiti, a mais constante era sobre o modo como as pessoas enxergavam os moradores da comunidade, sempre como pessoas que pararam no tempo, por ainda manter os costumes de seus antepassados. Mas isso foi solucionado através de conversas durante a atividade.

Figura 36 Participação dos alunos de outras turmas. Acervo pessoal. 2017

O quarto dia foi apenas para finalização e acabamento do trabalho, onde não se fez necessário levar os alunos para esse momento, uma vez que estariam em aula, e não faria sentido tira-los por poucos instantes da sala. Dessa forma, apenas três pessoas participaram.

Ao fazer uma análise do desenvolvimento das atividades, pude perceber que mesmo diante das diversas dificuldades encontradas, todos os pontos desejados foram abordados, e ótimos resultados foram obtidos. Percebe-se nos alunos a melhora da autoestima, uma vez que a imagem que as pessoas vinham construindo durante muito tempo, durante as ações e através do intercambio cultural, foi sendo substituída por uma nova perspectiva. Esta, por sua vez, mostra um povo que luta pelos seus ideais, por manter viva sua história, suas lutas e suas crenças.

No que se refere à participação, infelizmente devido a dependência do transporte escolar, muitos alunos que eram o foco do trabalho não puderam comparecer, e os posicionamentos perante as situações encontradas, demonstram a maior maturidade da turma, com alunos mais velhos. Quanto à conservação dos espaços, não foi observado em nenhum ambiente a ação de degradação do prédio por parte dos alunos. Os que encontrei foram causados por ação natural.

Figura 37 Os encantados. Acervo pessoal.2017

Figura 38 Detalhes dos encantados. Acervo pessoal. 2017

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo atuar através do graffiti, desenvolvido através de um estudo sobre o imaginário, pinturas corporais e objetos, para combater atos de preconceito direcionados a um grupo de remanescentes indígenas no ambiente escolar. Por meio de uma pesquisa de campo, onde o pesquisador realizou diversas visitas ao local com a finalidade de arrecadar informações, imagens e experiências.

Além das visitas, se fez necessária a utilização de uma pesquisa bibliográfica sofre o assunto e, assim, respaldar os tópicos sobre o modo como o imaginário é criado nos meios urbanos e em determinados grupos.

Desse modo, foram escolhidas três figuras representantes da comunidade, os seres encantados que, para os moradores, protegem a floresta e a vida dentro dela, e eram muito presentes na maioria da histórias contadas por meus avós. Desse modo foi possível entender que o imaginário da comunidade ultrapassa os limites geográficos que a isolou por tanto tempo, chegando até aos que vivem ao seu redor de maneira espontânea.

Em ambas as histórias, pude identificar que muitos elementos são comuns, mas o modo como são representados muda de acordo com a necessidade de seu uso, como no caso da comadre florzinha, que para os remanescentes, é uma protetora, mas para os que moram no centro da cidade, é uma figura perigosa. Ela assumia diferentes formas de representação de acordo com o meio onde se desdobrava.

Tal pesquisa foi de grande importância, não somente para a conclusão do curso de licenciatura em Artes Visuais, mas também na contribuição cultural aos indígenas, acompanhada de uma significativa melhora nas relações entre os alunos do centro e da comunidade. além de mudar a imagem que todos tinham dos remanescentes, de que seriam pessoas atrasadas, apenas pelo modo de vida que optaram, e ainda na minha formação como profissional, onde tive a oportunidade de vivenciar de perto, praticas que podem melhorar o relacionamento em uma sala de aula através da Arte.

Para o meio acadêmico, ofereço uma pesquisa que apresentou resultados significativos, e voltada ao uso da arte como meio de educar por intermédio do contato direto com outras culturas, criando ligações entre elas para gerar respeito e tolerância.

No desenvolvimento das atividades da pesquisa foi observado que, o modo e a metodologia empregada rendeu bons resultados, uma vez que, ao levar os alunos para atividades desenvolvidas fora da sala de aula, criou-se um aspecto menos formal de educação e, assim, estavam mais receptíveis às propostas.

Não apenas os garotos que moram na comunidade se identificaram com os elementos e figuras do graffiti, como também muitos outros que ouviram as histórias dos encantados contadas pelos pais e avós, e dessa forma se criou uma certa ligação no momento que perceberam aspectos comuns entre eles. Assim, através da identificação com o outro, agir com respeito às diferenças.

Um dos principais objetivos, que era melhorar o convívio dos moradores da comunidade do Catu, e levar os alunos, que vinham da comunidade para as escolas do centro da cidade a sentir que, em tal ambiente, sua história e sua cultura estão sendo valorizados, ao invés de seres repudiados por conta de suas diferenças, foram alcançadas através do dialogo durante as palestras e desenvolvimento do graffiti.

O graffiti foi realizado com sucesso, muito embora a escolha do local foi um dos pontos falhos do planejamento, por se tratar de uma área descoberta e, que durante o horário das ações, as altas temperaturas causaram grande desgaste físico nos alunos.

Diante do bom desenvolvimento do trabalho, pretendo dar continuidade à pesquisa do tema no processo de mestrado, buscando atuar através das praticas artísticas, em especial a arte urbana, para combater o preconceito. O trabalho foi apenas o ponto inicial da pesquisa de um tema, que deve ser estudado e debatido com mais profundidade, com a finalidade de entender o processo produção do imaginário, para assim compreender como tais aspectos podem atuar na melhora da educação e do convívio social.

Outra ponto que deve receber a devida atenção em uma futura pesquisa, é o uso das artes para a representatividade das minorias, onde pretendo atuar dessa vez nas grandes cidades, e assim, buscar entender como a arte urbana ao intervir no ambiente em que essas pessoas vivem, pode ajudar no processo da melhora de autoestima e aceitação pessoal.

7. REFERÊNCIAS

BAUER, Mônica. **Grafiteiros de São Paulo**: Crânio. Culturadoria. 09 Maio2013. Disponível em: < http://bit.ly/2B7aIeY > Acesso em:19 Maio 2017.

BRASIL. Consolidação da Legislação Educacional Brasileira. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2008. Casa Civil.

CATU, Luiz. Entrevista concedida a Cícero Pinheiro de Andrade Neto. Goianinha 28 Março 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no apêndice dessa monografia].

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI. Brasil –**Demarcação de terras indígenas**.Brasília, 2017. Disponível em : < http://bit.ly/1MD5irm > Acesso em: 30 Maio 2017.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti.**(coleção primeiros passos). 2 ed.Brasiliense:1999 .p.312.

GOOGLE MAPS. **[Escola Municipal João Lino].** [2017]. Nota (localização geográfica da escola indígena João Lino, na comunidade Catu dos Eleotérios) Disponível em: < http://bit.ly/2ArSwAn >. Acesso em: 16 Novembro 2017.

GOOGLE MAPS. **[Localização da comunidade Catu].** [2017]. Nota (localização geográfica da comunidade). Disponível em: < https://www.google.com.br/maps/place/Rio+Catu/>. Acesso em: 16 Novembro 2017.

LIMA, Marcelo. Reaprendendo ser potiguar. **Tribuna do norte.** Natal, 24 Abr. 2016. Disponível em:<http:/www.tribunadonorte.com.br/noticia/reaprendendo-a-ser-potiguar/344227?utmcampaign=noticia&utmsource=re! > Acesso em: 31 Maio 2017.

MORITZ, Tatiana; FORTES, Lore. **Turismo no espaço rural e comunidades tradicionais: uma análise das percepções da comunidade do Catu-RN**. Natal, RN: 2010. 79 f. Dissertação (Mestrado) -Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-graduação em Turismo.

PALITOT,Estevão. **No Rio Grande do Norte, três grupos reivindicam publicamente sua identidade indígena.** Conselho Indigenista Missionário. 06 Julho 2011. Disponível em: <http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=news&action=read&id=1296> Acesso em: 30 Maio 2017.

PASSERON, René. A poiética em questão. **Poïétique. Actes du ler**. Colloque internacional de Poïétique, 1998.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Org.) **O meio como ponto zero** : metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre : E. Universidade/UFRGS, 2002. p.123-140.

RINK, Anita. **Graffiti: intervenção urbana e arte.**1 ed.Curitiba: Appris: 2013.

WENENBURGER, Jean-Jacques. **Introdução as imaginário**. Lisboa: 1998.

8. BIBLIOGRAFIA

Arte Indígena no Brasil. História da Arte. Disponível em: <http://www.historiadaarte.com.br/linha/indigenabr.html> Acesso em: 15 Ago. 2015.

DIEGO, M. B. ANPUH. **Conhecimento histórico e diálogo social**. Natal. In:SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA., 2013, Natal. **Anais eletrônicos**... Natal: 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364919938_ARQUIVO_ANPUH.pdf > Acesso em: 15 Ago. 2015.

MEDEIROS, Tarcísio. **Aspectos geopolíticos e antropológicos da história do Rio Grande do Norte**. Natal: Imprensa Universitária, 1973.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM "LUIZ CATU", LIDER DA COMUNIDADE.

Entrevistador: Você pode me falar um pouco sobre a comunidade?

Luiz: A comunidade indígena do Catu, estamos a séculos nessa localidade, nessa terra Catu, mas os potiguaras daqui do Catu vem sempre usando as margens do rio para sobreviver, ele vem desde onde o rio deságua, entre Sibauma e Barra do Cunhaú, na cidade onde hoje é Vila-Flor, antes tinha um aldeamento, tinha um aldeamento onde reunia índios de várias etnias, e os potiguaras não gostavam de estar em aldeamentos, mesmo assim se restringiam, desceram o rio o rio Catu, que em Tupi quer dizer bom, significa bom, mas como aquela área ali de Vila, Sibaúma, era muito próximo à praia e tava muito essa questão de caça aos indígenas em geral, nossos pais vieram subindo o leito do rio, até ficar hoje onde está a nascente do rio Catu, eram famílias pequenas, o Catu antes não tinha acesso nenhum pra carro, pra moto, essas coisas, era trilha mesmo, tinha uns espaços dentro da floresta onde a comida era abundante, então durante muito tempo os potiguaras ficaram aqui silenciados, calados, até por que aconteceu ai no período dos séculos XVI, XVII, os mártires de Cunhaú, e mais uma vez os indígenas levam a culpa por aquele massacre e tudo, em uma terra que tomaram dos índios e depois em uma disputa de holandeses e portugueses acontece o massacre e o povo indígena fica sendo usado como bode expiatório, mas o povo indígena do Catu tá aqui esse tempo, até oitenta e quatro as famílias daqui viviam, as famílias indígenas viviam da agricultura familiar, da coleta de frutos silvestres na mata, que era mais forte que a agricultura familiar, ela não tinha essa representação que ela tem hoje, eram e ainda são hoje coletores de frutos silvestres, a mangaba, o batio, frutos que até hoje são usados por eles mas antes era mais forte essa coleta, a caça e a pesca eram muito forte, e na década de oitenta eles começaram a se voltar para a agricultura, por causa das invasões das usinas, os grupos familiares eles eram bem organizados nessa relação da vivencia tradicional dos povos indígenas, mas depois chegaram outras pessoas de fora na aldeia, e começaram a juntar, morar com um indígena e tudo, e hoje a gente tem uma população de duzentas e três famílias indígenas totalizando uma média de setecentos e vinte e seis índios dentro da aldeia, mas temos mais de mil e cem habitantes, e uma grande parte não indígena, isso forma hoje a população do Catu, os troncos familiares antigos, os primeiros troncos e que fala dos Eleotério, por isso que o pessoal chama de Catu dos Eleotério, esse sobrenome ai,

Eleutério a gente entende que como geralmente o pessoal gostava de querer escravizar os índios e como passou o processo dos negros e como se dava aquela amizade, geralmente o índio pegava o sobrenome daquela pessoa e ficava utilizando essa questão do Eleutério, mas se conta que esse espaço onde hoje os indígenas do Catu moram ele foi garantido pela luta de um padre que se uniu com os Eleutério e doou, o padre de nome Aquino disse esse espaço aqui e de vocês pra ficarem aqui e as pessoas não mexam com vocês, e por muito tempo o Catu ficou isolado realmente da cidade, inclusive o indígena do Catu quando ia para a cidade era chamado pejorativamente de catuseiro, por que as pessoas identificavam logo o índio do Catu, era diferente do convívio social da cidade grande, e a gente não gostava de ser chamado de catuseiro, por que achava que era uma ofensa, por que eles chamavam realmente para ofender, para dizer que era atrasado, que não tinha cultura, e é totalmente ao contrario, então por muito tempo as pessoas viam o índio do Catu como uma pessoa diferente.

OBJETOS UTILIZADOS PELOS NATIVOS DA COMUNIDADE

Entrevistador: O que você pode me falar sobre os objetos que são utilizados no dia a dia da comunidade e que tem origem indígena?

Luiz: Até hoje nos temos uma prática de caça e pesca tradicional, e hoje o arco está em desuso, não tem floresta suficiente pra você usar agora o arco pra conseguir a caça, então o arco hoje é usado mais pra uma questão esportiva, a gente tem até uns bons atiradores de arco, a gente ta querendo formar um grupo de tiro de arco na escola em relação a isso, pra valorizar essa arma tradicional dos povos indígenas; hoje o artesanato ganhou um espaço muito grande, vários indígenas estão usando o que usavam como o cipó e a taboca da floresta para fazer cestaria, balaio para coleta de mangaba e batata, hoje eles fazem para artesanato em miniatura, então tem uma produção muito grande de artesanato local, são mais de quinze artesãos que estão trabalhando nessa questão do artesanato, usamos ainda com força a maracá em nossos rituais sagrados para fazer a dança da lua cheia, se reunindo nessa lua para agradecer a Tupã que é Deus para agradecer a nossa luta, nossa vida, isso é muito forte o uso da maraca no toré que é a nossa dança sagrada. Os Guaramis falam que a maraca é celular para falar com Deus e que quando a gente quer falar com Deus a gente pega a maraca, começa a bater a maraca e no tom a gente vai ali começando a ter nossa ligação com Deus.

Entrevistador: Qual a importância da pintura corporal para os indígenas do Catu?

Luiz: A gente usa ainda a pintura corporal tradicional dos potiguaras mesmo, utilizamos o urucum para fazer essa pintura corporal; o urucum que é essa semente vermelha que dá uma tinta que muitos chamam colorau, que pra gente ela existe muito na natureza, então ela a gente usa para fazer várias pinturas imitando a pele de alguns animais como a cobra, o jabuti, a gente usa essa simbologia dos animais para pintar o corpo, porque a pintura para um povo indígena é como se fosse a segunda pele do corpo então a gente gosta muito de se pintar principalmente quando vamos dançar o toré, quando vamos falar com Deus ficamos bonitos para falar com Tupã, essa criação da natureza, então a pintura corporal para gente tem essa simbologia muito importante porque é a nossa segunda pele, usamos também o jenipapo para pintura corporal, só que o jenipapo é mais utilizado para o ritual sagrado e não para toré aberto porque demora muito para sair da pele, o toré de lua cheia é fechado, só o povo indígena que pode participar, é ali que a gente vai ter contato com nossos "encantados" em alguns a gente faz o uso da Jurema, a Jurema Sagrada, a raiz da Jurema fermenta e ela é usada para dá uma ligação com a divindade da natureza como um todo, ela fortalece e elo. O toré aberto é feito para comemorar a vinda de alguém, é a alegria de estar junto.
Entrevistador: Esse toré aberto que vocês dançam para boas vindas?

Luiz: A gente fala do Povo Potiguara para quem tá vindo, a gente canta no tore só músicas falando do nosso próprio povo no fechado não, no fechado é um contato mas místico.
Entrevistador: o que você pode me falar mais sobre a comunidade catu?
Luiz: A Organização de aldeia a gente tá lutando para que se mantenha esse elo de sentimento que pertence, isso é importante para os povos indígenas, temos participado de várias assembléias junto com outros povos aqui dentro do estado para que a luta dos povos indígenas não seja a luta de um povo mas de todos os povos. A escola indígena foi uma luta desde 2005 e em 2009 a gente conseguiu concretizar, já trabalhando com currículo diferenciado da educação indígena, mais aí precisava da educação escolar indígena como tá na legislação, aí fizemos audiência pública para colocar a escola indígena, foi uma luta contra município e o estado que não entendiam da questão escolar indígena e não queriam assumir tal responsabilidade, então foi uma luta do povo que levou até o Ministério Público, e que precisou acionar o estado e município para que eles cumprissem sua obrigação, mas a gente já vinha fazendo esse trabalho só precisava que eles assumem a responsabilidade com o governo e educação escolar indígena, hoje nós temos a única escola indígena no estado no Rio Grande do Norte em período integral, com apoio do município, para fazer essa

diferença todos os professores são indígenas, no ensino bilíngue é em tupi e a língua portuguesa, em disciplinas adicionais como a etinohistória que tá dentro do currículo da questão das etnias é questão do povo, então hoje é 64 curumins que estudam na escola indígena e temos uma perspectiva de aumentar e de continuar fazendo essa educação escolar indígena diferenciada para os potiguaras.

LENDAS DO CATU

Entrevistador: Luiz, quais lendas ou mitos são contados aqui na comunidade?

Luiz: Olha, as principais, e que até hoje são vivas, a gente trata como lendas mas pra muitos nativos daqui isso e bem vivo né, faz parte do cotidiano deles, uma é a comadre fulôzinha, ela é viva tanto para os nativos que são caçadores, pescadores que vivem da floresta, coletores de frutos, eles acreditam muito na existência da comadre fulôzinha, e eles acreditam que ela é menina encantada que protege a floresta, e que protege os animais da floresta, inclusive se você usa a floresta pra sustentar sua família, pra manter o ciclo da vida ela permite que isso aconteça, mas se você quiser usar a floresta pra destruir, pra matar animais sem precisar, e caçar e pegar um animal "prenho" (esperando filhotes), ai a flôzinha vai intervir ai, eles tem um respeito muito grande com a comadre fulôzinha aqui, inclusive os caçadores tem o maior respeito por ela, alguns dão até oferenda, a gente tem na trilha aqui na mata do Catu, na nascente, um cantinho que eles dizem que é o cantinho da comadre fulôzinha, onde eles deixam lá pedaços de carne sem tempero pra oferecer a ela, pra ela permitir eles pegarem novas caças, e se eles pegarem um animal marcado na orelha, que tem uma marca lá que eles dizem que é dela né, eles não levam aquele animal, eles soltam na hora, então a comadre fulôzinha é uma lenda viva na comunidade.

Entrevistador: Então existem pessoas que caçam ainda?

Luiz: Tem, os caçadores aqui e os coletores de fruto são muito fortes ainda, apesar de que a caça já praticamente desapareceu quase por causa da cana de açúcar, mas eles ainda continuam fazendo essa prática tradicional, e ainda tem gente que sobrevive quase que diretamente disso, da agricultura familiar, da caça e da pesca, que eles coletam muita mangaba aqui também, aqui e um tabuleiro rico em mangaba, na época da mangaba eles estão coletando mangaba, na época que não tem mangaba eles estão plantando na agricultura familiar, complementando com a caça e a pesca, eles vão lá passam o dia todo coletando e depois enfornam ela e vendem no final de semana nas feiras livres, então a

fulôzinha tá muito ligada a essa questão do fazer da mata então é uma lenda forte aqui na comunidade.

Uma outra muito forte que até hoje ainda eles falam e tem um respeito muito grande também e o que eles chamam de o batatão, que é o emboí-tatá, ou boi tatá, em alguns lugares as pessoas chamam boi tatá, em outros emboí-tatá e comumente por aqui as pessoas chamam o batatão, ela e uma bola de fogo,que eles vêem nas margens dos rios e principalmente nas áreas de nascentes, então alguns povos acreditam que é uma cobra com cabeça de fogo, mas nunca se chegou a ver se realmente é uma cobra com cabeça de fogo, que a palavra emboí-tatá quer dizer cobra de fogo, e aqui eles acreditam que o boi tatá se você for destruir os rios, poluir e toda essa questão ele vai o seu corpo, então eles respeitam, tem medo dessa bola de fogo né, que é o

batatão, até hoje eles dizem que vê ainda o batatão nas margens das nascentes, é outra lenda bem forte que é contada pelas pessoas que moram aqui.

Uma terceira lenda que as pessoas que moram por aqui falam muito é o haja pau, não sei se você já ouviu falar, o haja pau também e forte, onde um casal tem um filho e o marido saia pra trabalhar e a criança ficava em casa, e sempre a mulher fazia a comida do esposo que eles chamam bóia, e mandava ele ir deixar a comida de meio dia, só que ele ia deixar e comia a carne e deixava só os ossos no caminho né, ai quando chegava lá pra entregar a comida ao pai tava a carne só os ossos, ai o pai perguntava a ele, o que foi isso meu filho?, mandou o osso pra mim, ai ele, não e que minha mãe ta comendo com um homem lá e tá sobrando só os ossos pro senhor, e fazendo isso, ele comia e deixava os ossos e dizia que era que tava mandando, ai o pai se revoltou, pegou a boia, voltou pra casa, pegou a mãe dessa criança e meteu o pau nela, bateu nela, bateu nela, e o menino subiu em uma arvore, vizinho a casa e ficou falando, haja pau, haja pau, mangando da mãe, ai ela foi e rogou uma praga a ele, enquanto vida tu tiver a partir daquele momento ele ia sair gritando por todo canto que a cantiga dele seria aquela, haja pau, ai o castigo foi tão grande que ele virou um pássaro e saiu gritando haja pau, ai quando eles escutam esse pássaro cantando eles dizem que é o menino, que é o castigo, e tá pagando por sua penitencia e era uma forma de contar isso para as crianças para que elas respeitassem os pais e não levantassem falso testemunho, não fazer uma coisa que não se deve fazer, e fazer entender que não se deve fazer esse tipo de coisa, e que até poderia sofrer esse tipo de castigo, então essa é uma das lendas fortes também.

A mãe d'água também é muito forte aqui né, e principalmente em tempo de rio cheio

ninguém queria ir no rio com uma bacia, uma cuia do cuité né, que a gente faz a cuia, e sempre diziam aqui que se você fosse pro rio e pegar uma cuia e emborcar no meio das pernas e dentro d'água e começar a bater você tá chamando a mãe d'água, ai ela vai vim ao seu encontro, e se você bateu e chamou ela sem nenhum propósito ela vai levar você pro fundo do lago, do rio e você vai morrer afogado, então a gente, ninguém tem coragem de pegar uma bacia ou uma cuia, emborcar no rio e bater não, por que tinha certeza que tava invocando a mãe d'água que é protetora das águas, então a mãe d'água é outra lenda forte na comunidade.

O lobisomem é contato em muitos lugares e tem várias versões do lobisomem, aqui eles também acreditam nessa questão desse lobo homem né, e até falam, algumas pessoas até sabem a frase que faz transformar no lobisomem, então é outra lenda que é muito acreditada aqui mas não chega a ser forte como a fulôzinha né, a fulôzinha ela lidera ai a ponta das lendas do Catu. Em um resumo seriam essas as lendas que são contadas hoje aqui, que são vividas pelos moradores da comunidade do Catu.

Entrevistador: Existe alguma outra lenda além dessas?

Luiz: Olha, pode ter uma ou outra isolada, mas essas ai são as que mais vivas né, não são tão vivas mesmo no cotidiano.

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da minha participação na pesquisa para conclusão de curso, a seguir discriminado:

Título do trabalho: IMAGINÁRIO DE CATU NO MEIO URBANO
Sub-título: uma intervenção urbana como estratégia no combate ao preconceito à cultura indígenas
Pesquisador: Cicero Pinheiro de Andrade Neto
Portador do CPF: 099.161.814-97 e RG: 2489524
Orientador : Prof. Me. Artur Luiz de Souza Maciel

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio-visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O aluno fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Catu 23 de novembro de 2017

José Luiz Soares
Assinatura

Nome: JOSE LUIZ SOARES
RG.: 1330015 CPF: 02986156495
Telefone1: (84) 991226024 Telefone2: (84) 996144874
Endereço: CATU-CANGUARETAMA-RN

APÊNDICE C - PLANO DE AÇÃO PEDAGÓGICA

Plano de ação pedagógica- Imaginário do
Catu I. Data: 26 e 27 de Novembro / 2017 II.
Dados de Identificação:
Escola: Escola Municipal Dr. Hélio Mamede de Freitas Galvão (Goianinha/ RN)
Professor: Cícero Pinheiro de Andrade Neto
Palestrante: Luiz Catu
Disciplina: Artes Ano: 6º Turma: A/B Período: Manhã/tarde
III. Tema: Imaginário do Catu
.Os Encantados do Catu (a arte em favor das crenças locais).
.Conceito fundamental: Como interligar culturas com o uso da arte, partindo das crenças locais, levando os alunos a uma maior compreensão dos costumes para o combate ao preconceito.
IV. Objetivos:
.Criar um graffiti em um dos muros da escola, após discussões sobre diversidade cultural e arte urbana.
Objetivo geral:
.Levar os alunos a abordarem em debates, as principais causas de preconceito, apontando meios que os ajudem a solucionar o problema através da arte, em especial, a arte de rua, com a técnica do graffiti.
Objetivos específicos:
.Levar até os alunos um pouco da cultura local e, promover o respeito através do contato, afim de gerar uma maior interação, entre as crianças da cidade e os moradores do Catu.
.Vincular uma roda de conversa sobre a importância da preservação das matas e nascentes do Catu, o surgimento da comunidade quando aldeia, o dia a dia dentro da comunidade, os rituais sagrados, os principais seres encantados que povoam o imaginário do lugar, as pinturas corporais e seus significados para o povo indígena.
.Com a participação dos alunos, propor a criação de uma arte, em um dos muros principais da escola, na área de maior circulação dos alunos e, que fica em frente ao pátio central da instituição.
V. Conteúdo:

.História indígena no Rio Grande do Norte: principais conflitos e perseguição aos potiguaras;
.As lendas do Catu: Comadre Florzinha, Boi Tatá, Mãe D'água e Haja Pau;
.Padrões indígenas e seus significados: semelhanças e diferenças entre algumas etnias do Brasil;
.Preconceito cultural (dentro e fora da sala de aula): como combater a violência através da interação entre culturas diferentes;
.Arte urbana: a importância da arte de rua nos dias de hoje, principais artistas no Brasil e no mundo,a importância dos grafiteiros em enriquecer o imaginário social, as diferenças entre graffiti e pichação, os principais problemas causados pela pichação e a preservação dos espaços públicos, em especial o patrimônio na escola; .Técnicas de Graffiti: uso de Spray, Stencil e tinta acrílica;

VI. Metodologia:

.As atividades serão divididas em dois dias, sendo que no primeiro, as turmas dos turnos matutino e vespertino participaram de uma palestra com Luis Catu, líder e pajé da comunidade Catu dos Eleotérios, onde abordará as principais lutas do povo remanescente indígena como, a demarcação das TI´s (terras indigenas), e a importância dessas terras para a conservação das atividades de coleta, caça e pesca e, afim de impedir a derrubada indiscriminada da mata.
.Após a palestra os alunos participaram de uma oficina de pintura corporal, em que as crianças da escola indígena falaram dos padrões e seus significados, além de aplicarem os desenhos nos alunos interessados.
.Ainda no primeiro dia, durante uma aula expositiva, será discutido a importância da arte de rua, diferença entre grafite e pichação, os principais artistas no Brasil e no mundo, diferentes formas de abordar a arte de rua e preservação de ambientes públicos.
.Segundo dia: confecção do graffiti com os alunos do turno matutino e vespertino, onde os alunos da escola Hélio Galvão, vão ter a oportunidade de expressar através da arte, a interação com os alunos da escola indígena.

VII. Recursos didáticos:

.Quadro, marcador para quadro branco.
.Retro-projetor,computador, caixa de som.
.Tinta látex branca, corantes para tinta látex (cores diversas), pincéis, rolo e bandeja de pintura.
.Alem de palestra com Luis Catu, o líder da comunidade, apresentações e toré.

*Necessidades no local: Ponto de água, ponto de energia e extensão elétrica.

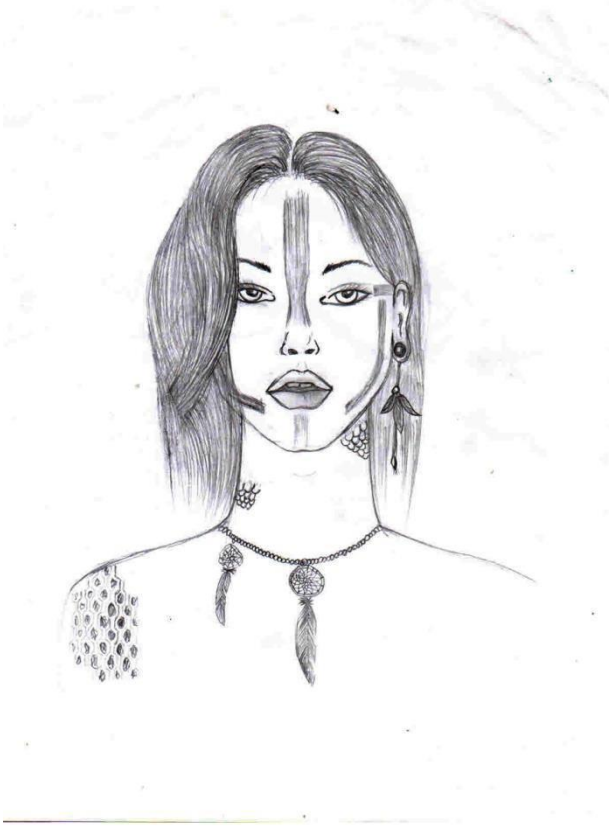
VIII. Avaliação:

.Será avaliado a participação dos alunos, o posicionamento as questões levantadas durante os debates, o desenvolvimento do graffiti e a maneira como os alunos irão reagir a arte final.

.Ainda no contexto do graffiti, a conservação do espaço da escola.

APÊNDICE D – ESBOÇOS

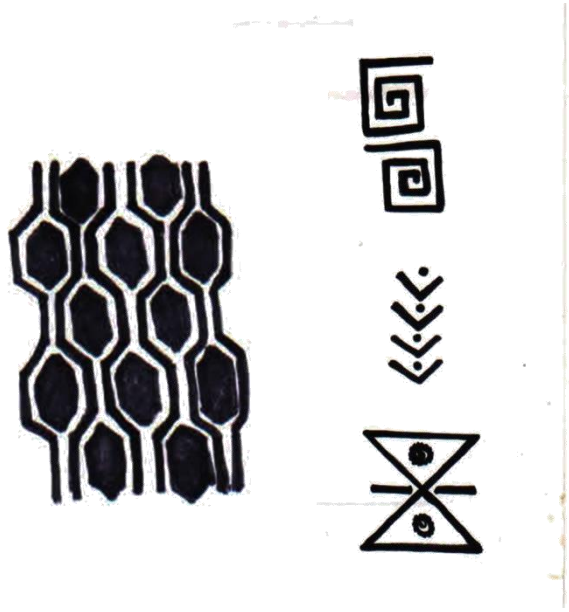
Esboço central original do mural Gaia Mãe Terra.



Primeiro esboço para Mãe Dágua.

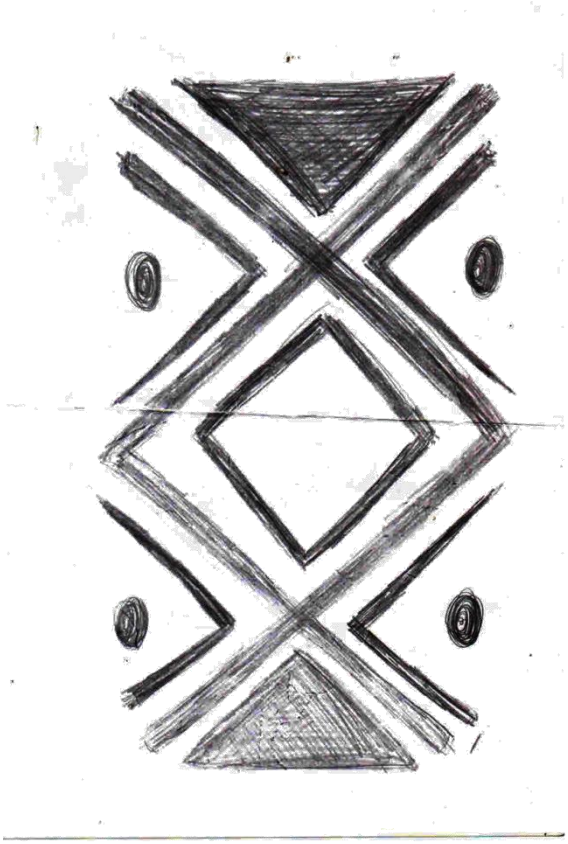
Rascunhos durante as visitas à comunidade.diário de bordo.

Rascunhos durante as visitas à comunidade. Diário de bordo



Rascunhos durante as visitas à comunidade. Diário de bordo.

Rascunhos durante as visitas à comunidade. Diário de bordo.



Rascunhos durante as visitas à comunidade. Diário de bordo.

APÊNDICE E – IMAGENS DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O PROJETO.

Luiz sobre o uso da maraca. Acervo pessoal. 2017

Como utilizar o covo. Acervo pessoal. 2017

Vídeo “Demarcação já”. Acervo pessoal. 2017

Falando tupi no dia a dia. Acervo pessoal. 2017

Alunos da comunidade aprendendo a utilizar arco e flecha

Preparação das tintas.

Pintura do mural.

Mural "Encantados do Catu".